BAHIA BRASIL CÂMARA MUNICIPAL CULTURA ECONOMIA EDUCAÇÃO EMPREGOS ESPORTE FAMOSOS GERAL MUNDO POLÍTICA SAÚDE SI

buscar no site...

Feira de Santana, Terça, 09 de Junho de 2020

André Pomponet

A literatura contundente de Carolina Maria de Jesus

André Pomponet - 09 de junho de 2020 | 10h 32

"2 DE JUNHO Amanheceu fazendo frio. Acendi o fogo e mandei o João ir comprar pão e café. O pão, o Chico do Mercadinho cortou um pedaço. Eu chinguei o Chico de ordinário, cachorro (...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal".

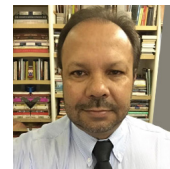
O trecho acima é do livro "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus. Foi lançado em 1960. Está completando, portanto, 60 anos. Li-o não faz muito tempo: há um ou dois anos. Considero-me um leitor experiente: há décadas dedico-me à leitura e à escrita profissional. Até me debruçar sobre a obra – tive acesso a uma versão da primeira edição, em formato .pdf – julgava que pouca coisa poderia me surpreender, pelo inusitado, em matéria literária. Pois bem: aquela obra me desconcertou. Li, com voracidade, em duas noites, em casa.

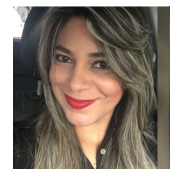
O fio condutor do livro é a luta para conseguir comida na cidade de São Paulo, de meados da década de 1950. Transbordando em cada linha dessa epopeia, há a vida. Carolina catava papelão, metal, qualquer coisa que se transformasse em parcos cruzeiros para alimentar-se e alimentar os três filhos. Vivia num barracão numa favela às margens do rio Tietê, no Canindé, na Zona Norte paulistana. Com as obras para a construção da Marginal, a favela foi extinta.

Quem a descobriu foi o jornalista Audálio Dantas, que apareceu ali para fazer uma matéria sobre a favela. Apresentado à autora e a seus diários, os escritos crus de Carolina originaram a reportagem. Dela, saltaram para o livro de estreia – Quarto de Despejo – que alcançou sucesso imediato. Nos anos seguintes a primeira escritora negra brasileira lançou outros livros, experimentou o sucesso e algum conforto material, embora efêmero. Morreu em 1977, praticamente esquecida, numa chácara que conseguira comprar no extremo da Zona Sul da capital.

A fome é amarela, definiu com propriedade Carolina Maria de Jesus, em seus diários. Ela era, sem dúvida, uma personalidade ímpar: apesar de todo o embrutecimento que as condições de vida tentavam lhe impor, ela entornava poesia. A lua, a noite e as estrelas, os dias frios de céu claro, o canto dos pássaros, o sol cálido, nada do poético passava despercebido. Nem mesmo as garoas persistentes e os dias cinzentos, que a desanimavam. Afinal, aquilo a impedia de deslocar-se pelas avenidas Tiradentes ou Cruzeiro do Sul para recolher recicláveis.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
Mostrar número de víti terror, é alerta
Witzel, vazamento de o desconforto da PF

André Pomponet
A literatura contundent Carolina Maria de Jesus
Pandemia não freia âns mas comércio permane

Emanuela Sampaio
Look quarentena: Pijam conquistam soteropolit
Retorno com seguranç novidades

César Oliveira- Crô
Desistências
Setembro não é longe d

AS MAIS LIDAS HOJE

1
Hospital Clériston Andrade terá mais 15 clínicos para combate ao Coronavírus

2 Retorno com segurança e novidades

3

Soube que críticos literários polemizaram tentando enfiá-la numa dessas bainhas ideológicas que fazem tanto sucesso hoje. E que, naqueles tempos, faziam também, óbvio. Carolina de Jesus, nesse aspecto, aproximava-se muito do pobre, do favelado médio que até hoje viceja pelas periferias e bolsões de pobreza brasileiros: alimentava fugazes encantamentos, que costumam ser sucedidos por amargas desilusões. Há muito disso, sobre os políticos, no seu livro de estreia.

Há muitos outros aspectos da obra da escritora mineira – ela nasceu no interior de Minas Gerais – que podem ser explorados. É inútil tentar esgotá-la num texto curto, de vigor efêmero. Mas é necessário ressaltar que Carolina de Jesus e sua literatura incandescente permanecem vivas até hoje. Sobretudo nos tormentosos momentos que o mundo – e, particularmente, o Brasil – atravessam.

Vale a pena revistar Carolina Maria, reler – ou ler, mesmo que em .pdf, já que seus livros estão esgotados – Quarto de Despejo nesse aniversário de 60 anos. É a crônica contundente de um Brasil do passado que eternizasse no presente e que, se vacilarmos, vai se perpetuar futuro afora...

Look quarentena: Pijamas conquistam soteropolitanas.

4 Talisca vira sócio do Bahia e paga men até 2031

5 Dólar opera em queda, abaixo de R$ 4,

André Pomponet

LEIA TAMBÉM

Pandemia não freia ânsia junina, mas comércio permanece fechado

O canto da casaca-de-couro

Covid-19 está matando todo dia em Feira

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 99151-1623
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense